



## *O silenciamento da voz feminina na igreja católica*

The silence of the female voice in the catholic church

*José Roberto da Silva<sup>1</sup>, Tayana Adélia Palmeira Gomes Nepomuceno<sup>2</sup>,  
Aline Carla de Medeiros<sup>3</sup> e Patricio Borges Maracaja<sup>4</sup>*

**RESUMO:** O silenciamento da voz feminina na Igreja Católica, mostra a necessidade de se repensar o lugar da mulher no mundo, desnaturalizando o papel destinado a ela pela sociedade. Em pleno século XXI, o histórico secular de dominação masculina continua silenciando a voz feminina, nos diversos centros de poder, dentre eles, na Igreja Católica. Conviver com essa opressão no mundo do trabalho, na família e na sociedade não é fácil, mas vivenciá-la no espaço eclesial é negar à mulher, a força de um Deus justo, que não faz discriminação entre filhos e filhas. Apesar de alguns avanços tímidos, realizados pelo Papa Francisco, a voz feminina permanece oculta ao mundo, não ecoando nos espaços externos, onde seriam capazes de promover a construção de uma nova história, em que a ação e protagonismo das mulheres, poderiam curar as marcas seculares da submissão.

**Palavras-chave:** História. Direito. Evolução. Costumes. Povos primitivos.

**ABSTRACT:** The silencing of the female voice in the Catholic Church shows the need to rethink the place of women in the world, denaturalizing the role assigned to them by society. In the middle of the 21st century, the secular history of male domination continues to silence the female voice, in the various centers of power, among them, the Catholic Church. Living with this oppression in the world of work, in the family and in society is not easy, but to experience it in the ecclesial space is to deny women the strength of a just God, who does not discriminate between sons and daughters. Despite some timid advances made by Pope Francis, the female voice remains hidden from the world, not echoing in external spaces, where they would be able to promote the construction of a new history, in which the action and protagonism of women could heal the secular marks of submission.

**Keywords:** History. Right. Evolution. Mores. Primitive peoples.

<https://doi.org/10.18378/rbfh.v12i4.10292>

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e docente da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) E-mail: joseclariano12@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestranda em Sistemas Agroindustriais pela UFCG e Coordenadora na UNIFIP – Centro Universitario de Patos – PB;

<sup>3</sup> Prof. D. Sc. do Colaboradora no PPGSA/CCTA/UFCG – Pombal – PB E-mail. Alinecarla.edu@gmail.com;

<sup>4</sup> Prof. D. Sc. do Colaboradora no PPGSA/CCTA/UFCG – Pombal – PB e Bolcista do INSA/CNPq Campina grande – PB E-mail.patriciomaracaja@gmail.com;

## **INTRODUÇÃO**

Apesar das grandes transformações por que passaram as sociedades do mundo ocidental, bem como os papéis de seus membros, ainda se percebe uma mentalidade de supremacia da figura masculina sobre as mulheres. Por vezes, conjugam-se o binômio fragilidade/inferioridade e à mulher lhe é reservada a famigerada submissão – consideráveis resquícios de machismo e conservadorismo na sociedade brasileira. Senão, sua tão apregoada liberdade é aplacada pela violência masculina (SIMONETTI, 2021).

No mundo do trabalho, elas têm igualdade de responsabilidades como os homens, porém recebem por volta de 30/% menos que eles. Seja no ambiente doméstico ou do trabalho, a mulher depara com barreiras ou dificuldades que podam sua emancipação da mulher na sociedade – uma realidade ainda bem distante dos iguais direitos para ambos os sexos. Nos ambientes cristãos, vê-se ainda uma forte regulação sobre o corpo feminino: sua sexualidade, seus direitos sobre o próprio corpo, na postura e na regulação do modo de se vestir são limitações à emancipação feminina. Na Igreja Católica, as mulheres tiveram voz, e passaram a ser ouvidas mais, somente com o advento do Concílio Vaticano II, as quais passaram a espaços nos templos e a comandar atividades junto a comunidades (ARNAUT DE TOLEDO, 2023).

Em pleno século XXI, continuamos a ver com relativa naturalidade a pequena representação feminina nos diversos setores dos poderes, sejam eles executivo, legislativo ou judiciário. Há um histórico secular de dominação masculina, de silenciamento da voz feminina, de ocultação da presença da mulher nos diversos espaços sociais (VALADARES, 2023). Logo, repensar o lugar da mulher no mundo é uma tarefa necessária, é um exercício que deve ser feito a cada dia (SANTOS, 2022). Não podemos continuar a desempenhar as nossas funções, sejam elas no trabalho, no ambiente familiar ou espaço religioso, sem procurarmos desnaturalizar o papel que a sociedade determinou para ela, as funções a ela delegadas, os sonhos a ela permitidos.

## **SOBRE ESPAÇO ECLESIAL DAS MULHERES**

Dentre todos os espaços onde a mulher se faz presente, um dos que mais nos desafia é o da Igreja. Além da questão do corpo, do intelecto e do trabalho, a mulher tem o silenciamento frente ao poder eclesial, cuja identidade predominante é a patriarcal. Ainda se encontra bem arraigada na tradição cristã a tradição patriarcal, que vai de encontro ao movimento feminista.

Todo esse processo de submissão que foi imposto à mulher na sociedade, reverberou no espaço eclesial, e a dor causada pelo peso da opressão social também se tornou, se fez presente no espaço religioso. Ivone Gebara (2017) faz referência a essa experiência: “Trata-se da experiência de sentir-se *em estado de sofrimento*, em estado de dor na alma e no corpo por sermos constantemente agredidas pela ordem patriarcal vigente”.

A dor presente no dia a dia de tantas mulheres, na sua luta pela sobrevivência em um mundo marcadamente patriarcal, muitas vezes, torna-se invisível, e o que deveria ser combatido, passa a ser visto como a ordem natural das coisas. Essa invisibilidade esconde as agressões diárias, disfarça a ordem vigente e, até mesmo, as próprias vítimas têm dificuldades de entender e expressar os seus sentimentos (CALDEIRA, 2023). Elas sofrem a violência de serem ignoradas, sabem e conhecem a dor da indiferença, mas o nome e a causa dessa dor nem sempre consegue ser explicada ou identificada.

Sobre o assunto, discorre Ivone Gebara (2017):

*No cotidiano das mulheres ouvimos outras expressões, como, por exemplo, “dor sem tamanho” ou “dor imensa”, que indicam o mal-estar que nos acomete pelo fato de sermos mulheres. Seria algo como se sentir ferida, ameaçada, na corda bamba ou num caminho onde os medos são frequentes, onde armadilhas até cobertas por discursos cheios de lisonja, nos fazem cair.*

Além da certeza da dor cotidiana, a mulher também tem a necessidade de aprender a sobreviver a diversas armadilhas que a sociedade lhe oferece. São agressões muitas vezes disfarçadas, acompanhadas por discursos que visam encobrir a sua submissão, que tentam transformar a ordem patriarcal na única ordem possível, como se uma outra forma de existir não fosse possível (RIBEIRO, 2023). Essa tentativa de eliminar da mente feminina uma outra alternativa possível de mundo, configura-se numa outra forma de violência, talvez até mais

agressiva do que a outra, pois tenta desfazer os possíveis caminhos de luta para a transformação da atual situação de opressão.

Conviver com essa opressão no mundo do trabalho, na família, não é fácil. Mas viver essa mesma situação na igreja, talvez seja muito mais difícil (SHANIN, 2008). Após o cansaço decorrente da excessiva carga horária de trabalho fora de casa, sabendo que o mesmo esforço, se fosse realizado por um homem, poderia resultar numa maior recompensa salarial, e ao retornar para o lar, ainda ter que exercer uma outra jornada exaustiva, a mulher chega à igreja desejosa de ser reconhecida e ter a sua voz escutada, amparada pela fé num Deus justo e para quem todos os seus filhos seriam iguais (CASSIMIRO, 2023).

Mas a realidade encontrada nas celebrações e no trabalho pastoral, muitas vezes não corresponde a essa imagem de um pai justo e capaz de acolher filhas e filhos da mesma forma. Ivone Gebara (2017, p. 20) nos dá uma contribuição sobre esse aspecto:

*Entre as muitas dores, as “dores religiosas” ou o mal estar na religião também precisam ser afirmados. É claro que para os “não crentes” esses discursos aparecem como pouco importantes. Mas a crença é também corpo, meu corpo. E Deus é também em nosso corpo, em meu corpo, acontecendo em meu corpo. E o “catecismo” ensinado é sobre nosso corpo, assim como a moral e a teologia. Não dá para se desfazer rapidamente desse corpo quando desde pequenas vestimos essa roupa e aprendemos como ajustá-la nas diferentes partes do corpo como se fosse uma segunda pele. E não só se a vestiu, mas se celebrou a vida com ela, se descobriu o mundo, se compreendeu e se temeu as coisas do mundo com ela... Quantas decepções com as promessas que não se cumpriram, com as rezas não ouvidas, com os conselhos inadequados, com a violência da obediência à lei divina transformada em dever!*

São vidas marcadas pela opressão, pela presença forte e constante de um Deus que estava sempre muito mais vigilante para punir os deslizes praticados pelas filhas; que permanecia atento a todo e qualquer desvio e que estava sempre pronto a castigar as filhas que não conseguissem se encaixar no padrão criado por aqueles que se diziam no direito de expressar a vontade divina.

Espoliadas da capacidade de realizarem as próprias escolhas, as mulheres se veem obrigadas a vestirem o que lhes é determinado, realizando de forma inconcebível o ajuste do corpo à roupa a elas destinada. Sem a posse do seu corpo e tendo que se ajustar aos padrões

determinados por outros, elas passam a viver padrões diferentes daqueles que seus corpos exigem, muitas vezes de forma inconsciente, outras vezes, de forma consciente, visando corresponder ao papel que a elas foi imposto, pagando sempre um alto preço.

Para Gebara, esse modelo estranho ao corpo da mulher, sempre a acompanhou em todos os momentos de sua vida, esteve com ela nos momentos de dor, nas horas de tristeza e de medo. Medo, muitas vezes, de não conseguir corresponder ao que dela se esperava. Essa exigência a acompanhava até nos momentos em que se celebrava a vida. Nem mesmo a intimidade com o seu Deus era respeitada, pois o acesso a ele, sempre foi restrito a um perfil de mulher que conseguia cumprir fielmente os preceitos de um Deus, muitas vezes impiedoso e pronto para castigar quem ousasse desafiar o modelo de mulher virtuosa (LIPP e TANGANELLI, 2002).

A frustração e o desamparo passam a fazer parte da sua caminhada eclesial, distante do padrão proposto, a mulher deixa de sentir Deus em seu corpo, julgando-se, muitas vezes, perdida em um caminho criado por outros e que para ela tornou-se difícil de percorrer. Distante de seus anseios mais profundos, essa figura divina passa a ser, para ela, mais um a ditar regras, mais um a silenciar as suas singularidades.

Essa sensação de desalento a acompanha em sua jornada, a busca do conforto espiritual e a conseqüente frustração de não se ver respeitada, de não ter a sua voz reconhecida, de não se encontrar no papel proposto a ela, de ter de negar todos os outros anseios que durante anos fora obrigada a reprimir, deixa marcas profundas no seu modo de ser.

São vidas marcadas pelo autoritarismo, sufocadas pelo poder econômico e religioso que deixa cicatrizes evidentes na maioria das mulheres do nosso tempo. De acordo com Ivone Gebara (2017, p. 21),

*Essa “dor infinita”, herdada e também nutrida em nossas entranhas, apresenta-se contra a legislação vigente, contra os valores machistas que circulam em nossa sociedade latino-americana e os comportamentos preconceituosos em relação às mulheres. Esse mal-estar inclui também as igrejas cristãs. Dessa forma, algo de nossa experiência religiosa é igualmente pela “dor infinita”, ou seja, a dor de sentir a impossibilidade de reconciliar nossas antigas crenças sobre o sentido do mundo com as atuais lutas pela dignidade de nosso ser.*

Esse “mal-estar”, que não deixa de fora as igrejas cristãs, contribui para o desencanto que algumas mulheres sentem pela religião. Para a autora, as lutas que elas são obrigadas a travar na sociedade por condições dignas de vida, tornam-se irreconciliáveis com as antigas crenças alimentadas durante longos anos, por um processo de aceitação passiva dos ensinamentos cristãos (NETTO, 2006). E por menos aparente que seja aos olhos dos outros, essa dor será responsável pela opção de vida que ela fará. São crenças enraizadas num passado remoto, são histórias de vida que se cruzam, a escolha nem sempre será fácil, o que aumenta a angústia de não poder seguir a caminhada sobre os pés firmes da fé e da luta.

É nesse espaço entre a crença e as exigências da vida diária que a mulher tem que se equilibrar. Gebara define assim esse processo:

*Abre-se em nós um oco, uma espécie de insegurança interior, de não coincidência com aquilo que antes fazia sentido, com as tradicionais imagens de Deus, com as antigas concepções cristológicas, com as formas de celebrar a vida que antes nos habitavam e nas quais nós habitávamos (GEBARA, 2017, p. 21).*

É uma sensação de estranhamento, é como se tudo o que lhes servia de referência, deixasse de existir. Resta-lhes um espaço vazio a ser preenchido, um mundo de incertezas, de novas buscas. Exige-se da mulher forças para retomar a caminhada, para reconhecer novos terrenos (MARINHO, 200). Ela descobre no decorrer dessa travessia, que a igreja deixou de falar a sua língua e já não reconhece o seu corpo com as suas novas necessidades, e que todo o seu passado já não consegue servir de base para os pés (BARBOSA, 2011). A identificação entre a mulher e a concepção cristológica ao se romper não deixa de provocar um abismo, pois, de acordo com Gebara, não apenas esta habitava a mulher, mas a mulher também a habitava, o que acaba provocando uma sensação de exílio, de quem é obrigada a viver distante do mundo que a gerou e a fez crescer.

A não coincidência entre o que antes fazia sentido e o que hoje não faz mais, não se limita às práticas rituais, mas atinge também o livro sagrado dos cristãos. Elisabeth Schussler Fiorenza (2009, p. 38) diz que “a literatura sapiencial da bíblia tem sido considerada geralmente uma literatura kyriocêntrica, escrita por e para homens da elite culta”. Um livro sagrado em que a visão que prevalece é a visão do homem sobre a mulher, não pode corresponder aos anseios femininos. Nele, a vida da mulher, a sua participação na construção da vida na sociedade da época, os desafios e medos não podem ser considerados representação fiel de tudo o que ela

viveu, sentiu ou realizou, pois o registro da vida, dos sentimentos ou das suas realizações partiu da percepção que os homens foram capazes de ter (BEZERRA, 2016).

O ponto de vista de quem detém o poder não é o mesmo de quem é dominado, são olhares diferentes, são sentimentos conflitantes. A participação da mulher escrita por homens não representa com fidelidade o que foi vivido e sentido. São perspectivas diferentes, são lugares de mundo distantes. Somente quem viveu a experiência da dor provocada pela exclusão é capaz de dar a dimensão exata ao problema. Viver como um ser humano considerado inferior deixa marcas, fere a dignidade (WIELEWSKI, 2007). São vidas marcadas pelo anonimato, vozes silenciadas pelo poder que ignora a história de luta de tantas mulheres que apesar de todos os obstáculos não se deixaram intimidar. Que mesmo sabendo que suas vozes seriam silenciadas, não se negaram a gritar quando sentiam que a dor provocada, humilhação secular, acompanhava a geração que a antecedeu e acompanharia também a geração que viria.

Schussler (2009, p. 104) ajuda-nos a entender os efeitos da dominação:

*Os discursos de dominação produzem uma ética de desigualdade que exige relações de superioridade e inferioridade entre seres humanos que são mulheres e que acentua a ideia de que algumas pessoas são mais importantes e valiosas que outras. Na ética da dominação, a importância, a utilidade e o valor de uma pessoa dependem da negação dessas mesmas qualidades em alguma outra pessoa, pois, para que eu possa ser importante e grande, alguém precisa ser, de algum modo, insignificante e inferior.*

Infelizmente, a sociedade e, conseqüentemente, a igreja, também aderiu à ética da dominação. No espaço eclesial, os papéis já estavam bem definidos, ao homem por ser considerado a imagem de Deus, coube a superioridade e poder; à mulher, criada a partir da costela do homem, restou a submissão e o serviço (DUARTE, 2022). Outro fator importante de dominação que foi usado para legitimar essa relação de submissão foi o discurso, não apenas o discurso predominante na sociedade, mas fundamentalmente, o discurso religioso, que foi apropriado pelo homem, como forma de revelar a vontade divina impondo à mulher o lugar de subserviência.

Ivone Gebara (2017, p. 17) também dá uma contribuição sobre esse aspecto:

*O cristianismo não se constitui em exceção à cultura de dominação do feminino, apesar de alguns comportamentos louváveis que podemos até reconhecer. Entretanto, nas instituições religiosas as mulheres continuam impossibilitadas de exercer funções semelhantes às dos homens, por serem vítimas de uma “vontade divina” misógina que, ainda segundo muitos, entregara aos homens os papéis de autoridade e mando. Apesar disso, as mulheres continuam sendo as maiores colaboradoras para a manutenção das instituições de poder patriarcal, acreditando ser este o caminho que mais corresponde à vontade dos senhores representantes do Senhor Deus. Ou ainda, algumas acreditam que esta é a misteriosa ordem do mundo e há que segui-la.*

A autora reconhece que a relação de dominação nem sempre acontece em todos os lugares, pois ela diz que há comportamentos de respeito ao feminino no cristianismo, que classifica como dignos de louvor. No entanto, destaca que o fato de ser mulher ainda é empecilho para ocupar determinados cargos na estrutura hierárquica da igreja. Para ela, a vontade divina continua vitimando mulheres, apesar da participação importante delas na manutenção das instituições patriarcais. O que chama atenção é o fato de colocar as mulheres como colaboradoras, termo que por si mesmo, nos dá uma visão da função que elas ocupam. De acordo com o dicionário Aurélio (BIDERMAN, 2000; FERREIRA, FERREIRA e ANJOS, 2010), colaborador “é aquele que ajuda, que se dá por uma causa”, nunca o que faz, o que realiza, que empreende. Talvez esse seja o papel que esteja delegado às mulheres no catolicismo. Aos homens, cabe a honra de decidirem onde e como elas podem colaborar (TOSI, 1998).

Outro fato preocupante, citado por Gebara, é que boa parte das mulheres, ao fazerem a vontade dos senhores representantes de Deus, estarão contribuindo para a manutenção das instituições patriarcais que continuarão excluindo-as dos cargos de poder e, portanto, da participação mais ativa nas decisões que poderiam promover um processo de abertura para mudanças mais favoráveis à sua participação e ao respeito à sua voz na caminhada eclesial (ROMÃO, 2019).

O mais grave ainda, é que de acordo com a autora, em pleno século XXI, algumas acreditam que ordem patriarcal vigente em nossa sociedade é a “misteriosa ordem do mundo”, e que há o dever de segui-la (TOSI, 1998). Essa forma de pensar exclui qualquer possibilidade de mudança, pois se é a ordem, não há o que ser feito, principalmente, quando se trata de uma cultura inculcada há séculos. São gerações silenciadas por tal ordem. Seguindo esse pensamento só resta

à mulher continuar colaborando de forma silenciosa e ocupando sempre os lugares secundários de um mundo que não foi criado para ela (TOMAZ e SANTOS, 2023).

Apesar de alguns avanços tímidos acontecidos nos últimos anos, principalmente com a eleição do Papa Francisco, a voz feminina permanece restrita aos cômodos mais secretos da Igreja. Diz Ivone Gebara (2017, p. 25): “Mais recentemente, o Papa Francisco, apesar de suas posições sociais e políticas a favor dos direitos humanos, falou contra o feminismo e nomeou a questão das relações de gênero de *ideologia*”. Esse fato mostra de forma bastante clara a distância que estamos de podermos pensar numa relação igualitária dentro dos muros da igreja, e mostramos a necessidade de colocarmos essa questão em evidência, sempre e em todos os lugares, pois o amor de Deus, não pode continuar esbarrando no gênero de seus filhos e filhas (DUARTE, 2023).

A luta das mulheres, dentro e fora da igreja, simboliza o grito de cada mulher oprimida por uma sociedade que teima em determinar o espaço que lhe cabe, ignorando sua história, sua trajetória (MOURA, 2013). Mulheres, cansadas de terem sua voz silenciada por homens, que por serem representantes da vontade divina, se acham no direito de falar por elas, impondo-lhes muitas vezes desejos estranhos aos anseios femininos. Essa apropriação indevida dos sentimentos femininos, só aumenta a distância entre a vontade de Deus e a vida plena prometida por Ele a cada um de nós.

Recorremos mais uma vez a Ivone Gebara (2017, p. 31):

*A secular ferida da submissão das mulheres se cura pela ação das mulheres, suas novas escolhas e caminhos. Não queremos mais nascer de “costelas” masculinas, ser expulsas do paraíso, ser proibidas de comer frutos de conhecimento, acolher o destino de chorar nossos filhos mortos numa cruz e nas muitas guerras inventadas. Esses mitos têm que ficar como mitos importantes para a história humana e não tornarem-se história de referência para nossas histórias de hoje. Não podem repetir-se como ideais, como ética de referência social e pessoal.*

A Igreja não pode se furtar a construir essa nova ética, não pela mulher e falando por ela, mas construir com ela, ouvindo a sua voz, mesmo que essa voz ainda esteja tímida, pelos anos de silêncio. “Somos acuadas a pensar a partir de nossa situação de classe, da cor de nossa pele, da orientação de nossa sexualidade como componentes de nossas relações sociais e de trabalho” (GEBARA, 2015, p. 43). Caminhando ao lado da mulher e do homem, os quais conseguiram se

converter e entender que o paraíso só se realizará quando as relações de submissão forem convertidas em relações de solidariedade e respeito, dar-se-á, pois, a conjugação de corpos masculino/feminino para a concretização da homogeneidade na prática do bem, ou seja, o bem-comum.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As sensibilidades são as mais diversas para o feminismo que ora abre cada vez mais caminhos para as denúncias contra a supremacia masculina em detrimento das condições alienantes da mulher, tida historicamente como pecadora. Nesse ínterim, emergem as dificuldades de sobrevivência da mulheres, no enfrentamento ao mundo marcadamente patriarcal.

O silenciamento para a dores cotidianas, ou a para a liberdade de muitas mulheres oprimidas, muitas vezes, torna-se cada vez mais encoberto sem que sejam reveladas as mais diversas formas de violências, nem sejam dadas oportunidades ou passem a existir alternativas possíveis de luta contra todas as formas de opressão. Quem sabe até oportunidades para algumas mulheres possam expressar seus sentimentos, ou simplesmente serem ouvidas.

Não podem as mulheres se virem espoliadas de seu direito de manifestação, bem como serem ouvidas, e veem obrigadas a se ajustarem a práticas de padrões que atentem para a ideologia patriarcal. Pra aquelas mulheres em sua caminhada eclesial, sem qualquer apoio, advém a frustração e, conseqüentemente, a perpetuação da histórica submissão feminina.

Contando com uma participação mais ativa, participando de decisões em determinados cargos há de ocorrer uma possível abertura às mudanças, ao respeito e à solidariedade pela conjugação de corpos masculino/feminino, em que homem e mulher assim possam desenvolver papéis bem definidos sem que haja algum desvirtuamento para a maneira que ambos devem ser considerados: a imagem de Deus.

## REFERÊNCIAS

ARNAUT DE TOLEDO, L. U. I. S. "Mary Stuart de Friedric Schiller, a adaptação de Robert Icke e a encenação de Nelson Baskerville: uma reflexão sobre os obstáculos do protagonismo feminino." *ouvirOUver* 19.1 (2023).

BARBOSA, Felipe Carvalhal, et al. Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: Estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracaju-Sergipe. *Revista da Micro e Pequena empresa*, 2011, 5.2: 124-141.

BEZERRA, Adriano Gomes. A MULHER NA ASSEMBLEIA 1COR 11, 2-16. In: *Anais do Congresso Estadual de Teologia*. 2016. p. 606-620.

BIDERMAN, Maria Tereza C. Aurélio: sinônimo de dicionário? Alfa: Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, v. 44, p. 27-55, 2000.

CALDEIRA, Cleusa. *Teologia feminista negra: Vozes que ecoam da África e da América Latina*. Editora Vozes, 2023. 129p.

CASSIMIRO, Larissados Santos Teixeira. A insurgência da voz feminina na poesia portuguesa: a poética desviante de Judith Teixeira e Florbela Espanca. 2023. 73 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

DUARTE, Maria Isabel Ferreira Gonçalves Colaço, et al. *S. Paulo, as comunidades primitivas, a identidade feminina e a família*. Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Ciências das Religiões, no Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias 2022. 76p.

DUARTE, Francisco Gomes; DO NASCIMENTO, Abimael Francisco. A proposta pastoral do Papa Francisco presente na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. *Kairós*, 2023, 19.2: 76-95

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. Tradução Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Editora Positivo, 2010.

GEBARA, Ivone. O feminismo desafiando as teologias cristãs. **Revista Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, jul./dez., 2015, p. 40-52.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**: ensaios feministas. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

LIPP, Marilda E. Novaes; TANGANELLI, M. Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferenças entre homens e mulheres. *Psicologia: reflexão e crítica*, 2002, 15: 537-548.

MARINHO, Diane Marcy de Brito. ATUAÇÃO DE MULHERES EM MINISTÉRIOS PASTORAIS: REALIDADE PRESENTE EM TEXTOS. 2004. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

MOURA, Tainá Narô da Silva de. Gênero e relações étnico-raciais no mercado de trabalho: aparência da mulher negra na organização. 2013. 64 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Organizacional)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NETTO, Renata Gomes. Crença religiosa e sexualidade: um estudo com mulheres atuantes em movimentos da Igreja Católica. 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.

RIBEIRO, Renata Benigno. *Silenciadas e Desacreditadas: O impacto psíquico nas mulheres que revelam violência sexual em meios religiosos*. Dissertação apresentada como requisito parcial

para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da PUC-Rio., 2023. 161p.

ROMÃO, Natatcha Priscilla. *Pedagogia da oprimida: a contribuição feminina para o pensamento pedagógico brasileiro*. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora, no programa de Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2019. 203p.

SANTOS, Juliana Felicidade Teixeira. *A candidata, de Vera Duarte: a história de Cabo Verde relida pela ficção feminina*. 2022. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

SIMONETTI, Marivane. *Uma vida feminina: a personagem Biela de Uma vida em segredo, de Autran Dourado*. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Pato Branco.2021. 136p.

SHANIN, Teodor. *Lições camponesas. Campesinato e territórios em disputa. São Paulo: Expressão popular, 2008, 23-47.*

TOSI, Lúcia. *Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. cadernos pagu, 1998, 10: 369-397.*

TOMAZ, Verônica Rodrigues; SANTOS , Tadeu Pereira dos. *Narrativas de mulheres negras à luz de suas vivências em instituições religiosas na cidade de Rolim de Moura-RO. HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM), 2023, 45.1: 56-69.*

WIELEWSKI, Deysi Cristina; CEMIN, Renata Nassif Azen; LIBERALI, Rafaela. *Perfil antropométrico e nutricional de colaboradores de unidade de alimentação e nutrição do interior de Santa Catarina. RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento, 2007, 1.*

VALADARES, Wendel Rodrigues. Existir em segredo: modos de existir e resistir da personagem Biela da novela uma vida em segredo, de Autran Dourado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. 20f.